

Bank of America adere à conversão da dívida

O Bank of America, segundo maior credor do Brasil, já se habilitou junto ao Banco Central com um projeto para o primeiro leilão de conversão de dívida em capital de risco que será realizado, no final de março, na Bolsa de Valores do Rio de Janeiro. Há um mês, na Argentina, concorreu e teve um projeto aprovado — dentre cinco — para conversão de US\$ 2 milhões, na área agrícola, informou o vice-presidente senior, Joel Korn, que divide seu tempo entre Buenos Aires (com 37 agências) e o Rio.

Joel Korn revelou que a instituição tem interesse em converter dívida em investimento, e está, no momento, analisando várias alternativas. Segundo ele, não foram estabelecidos limites, apesar do banco já ter reservas estabelecidas para conversão em vários países. Um setor, citado por Korn como interessante para projetos de conversão, é o petroquímico.

O Bank of América já tem, dos US\$ 3 bilhões (US\$ 1 bilhão de linhas de curto prazo) em créditos junto ao Brasil, US\$ 600 milhões depositados no Banco Central. Parte desses recursos — algo entre US\$ 4 milhões a US\$ 15 milhões — podem ser destinados ao primeiro projeto de conversão, via leilão.

Novos recursos — O acordo preliminar firmado com os credores, no sábado, é um avanço, segundo Joel Korn, pois volta a aproximar o Brasil da comunidade financeira internacional. Com a normalização das relações do Brasil com o mercado internacional, devem voltar, em linhas interbancárias e comerciais, US\$ 800 milhões, informou Korn. Há uma grande expectativa, por parte dos bancos credores, em relação ao controle do déficit público, inflação e do desempenho da balança comercial.

É a balança comercial brasileira que tem contribuído fortemente para análise positiva da capacidade de pagamento do serviço da dívida brasileira. Já a moratória decretada pelo Brasil, em fevereiro do

ano passado, na opinião do banqueiro, não trouxe nada de positivo para o país, que perdeu reservas e linhas voluntárias.

— Se não fosse a moratória, o país teria recebido recursos externos, não teria perdido linhas voluntárias e talvez tivesse conseguido um *spread* melhor — afirmou, lembrando que com o Plano Cruzado foram queimados US\$ 4 bilhões em reservas cambiais.

Queda de juros — Sobre a economia americana, Joel Korn disse que as perspectivas de crescimento são praticamente nulas. Mas como é ano eleitoral, as pressões deverão ser fortes junto ao Federal Reserve de redução nas taxas de juros para que seja possível uma reativação econômica. “Acredito que o FED não ceda às pressões do executivo para não aumentar a inflação (previsão de 4% este ano)”.

De qualquer forma, acha que haverá uma ligeira redução nas taxas de juros — de 0,25 a 0,5% nos próximos três meses. Sua previsão é que a economia cresça apenas 2 a 2,2% contra 2,9% em 1987.

O acordo da dívida externa acertado pelo Brasil com os bancos credores, no último final de semana, nos Estados Unidos, representa uma “capitulação vergonhosa” e o governo “se apressa para traer o país e pagar a dívida hipotecando as gerações do futuro”, afirma a Fundação Pedroso Horta, do PMDB, em nota distribuída ontem. Na próxima segunda-feira, em reunião da Comissão da Dívida Externa do Senado, o senador Fernando Henrique Cardoso (PMDB-SP) deverá apresentar um relatório sobre as contradições dos ex-ministros da Fazenda, Dilson Funaro e Luiz Carlos Bresser Pereira, e do atual, Maílson da Nóbrega, que prometeram negociar a dívida em bases realistas.